

ARTE E MÚSICA COMO FERRAMENTAS INCLUSIVAS

Natali Esteve Torres*

Josefa Lúcia Costa Pereira**

Resumo: Este artigo é embasado na experiência de uma bolsista do projeto Pibid - subprojeto educação especial. Os objetivos a que se propõe são relatar as experiências adquiridas no ensino colaborativo, refletir sobre a contribuição de atividades artísticas e musicais no contexto inclusivo assim como discutir sobre a construção da identidade do público alvo da educação especial pela turma. Trata-se de um estudo do tipo descritivo pois apresenta as características de um objeto de estudo. Basicamente, descreve as experiências de um projeto de música e arte em um terceiro ano do ensino fundamental com uma aluna em processo de inclusão com deficiência intelectual. Procura-se defender a utilização dessas ferramentas como uma proposta de trabalhar com todos da turma, desenvolver a criatividade, afetividade e respeito entre os colegas. Muitos foram os avanços desse projeto na turma, a visão e formas de expressão dos alunos foram notavelmente melhoradas além de promover maior interesse na aluna para com as atividades.

Palavras-chave: Inclusão. Ensino colaborativo. Arte. Música.

Introdução

Este artigo tem como base a experiência de uma bolsista Pibid, do subprojeto Educação Especial da Universidade Federal de Santa Maria em uma turma de terceiro ano de uma Escola Estadual da cidade de Santa Maria.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) tem como base legal a Lei no 9.394/1996, a Lei no 12.796/2013 e o Decreto no 7.219/2010, é um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) que tem por finalidade fomentar a iniciação à docência, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior e para a melhoria da qualidade da educação básica pública brasileira (BRASIL, 2013).

* Graduanda em Licenciatura em Educação Especial – noturno. Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: natali_esteve@hotmail.com

** Docente do Departamento de Educação Especial/Universidade Federal de Santa Maria. Email: jlcpereira@gmail.com

O subprojeto de Educação Especial denominado “Práticas pedagógicas em Educação Especial na perspectiva da inclusão escolar PIBID/UFSM” tem como objetivo geral oportunizar aos alunos dos Cursos de Licenciatura em Educação Especial a iniciação à docência no contexto das escolas da educação básica das Redes Municipal e Estadual de Ensino do município de Santa Maria (BRIDI; PEREIRA, 2014).

A atuação de um ano com uma aluna diagnosticada com deficiência intelectual em uma classe regular, nas modalidades de atendimento educacional especializado e ensino colaborativo, tornou possível refletir a respeito da inclusão, fazendo parte deste contexto ativamente, propondo atividades, dinâmicas e realizando o planejamento com os demais profissionais da escola.

Assim, a experiência formativa acadêmica e a realidade escolar poderiam aliar-se em benefício da aprendizagem da aluna.

1 Desenvolvimento

Conforme a concepção de Gonsalves (2005) esse estudo segundo seus objetivos é do tipo descritivo, pois vai apresentar as características de um objeto de estudo, analisando como estão sendo realizadas as práticas dos alunos do programa de iniciação a docência – Pibid – Educação Especial.

A experiência é descrita por uma bolsista PIBID e realizou-se em uma escola estadual localizada na cidade de Santa Maria- RS através da participação no PIBID/UFSM, Subprojeto de Educação Especial ao longo do ano de 2014.

Os trabalhos foram realizados conforme os objetivos do projeto “Práticas pedagógicas em Educação Especial na perspectiva da inclusão escolar PIBID/UFSM”. Como instrumento se utilizou diário de campo construído durante os trabalhos desenvolvidos na escola.

Os objetivos deste estudo são:

- Relatar experiências adquiridas no Ensino colaborativo em uma Escola Estadual de Santa Maria;
- Refletir sobre a contribuição de atividades artísticas e musicais no contexto inclusivo;
- Discutir sobre o impacto das atividades propostas na construção de identidade da aluna dentro da turma.

2 Resultados e discussões

A educação especial é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades. Realiza o atendimento especializado, disponibiliza os recursos e serviços e orienta quanto a sua utilização no processo de ensino aprendizagem nas turmas comuns de ensino regular, promovendo o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação (BRASIL, 2008).

De acordo com o Ministério da Educação:

A educação inclusiva questiona a artificialidade das identidades normais e entende as diferenças como resultantes da multiplicidade, e não da diversidade, como comumente se proclama. Trata-se de uma educação que garante o direito à diferença e não à diversidade pois assegurar o direito à diversidade é continuar na mesma, ou seja, é seguir reafirmando o idêntico (BRASIL, 2010).

Nessa óptica, o planejamento do professor tem fundamental importância. Afirma-se isso pois, se ele propor uma atividade para a turma e outra para o aluno público-alvo da educação especial, está constituindo uma identidade que coloca aquele aluno como incapaz de realizar as mesmas tarefas que os demais.

Dentro das experiências que o Programa de Iniciação à docência me possibilitou, destaca-se a utilização da arte e da música como uma importante ferramenta na inclusão. Para adentrar esses aspectos, e contextualizar a discussão do tema, será apresentada a concepção abordada aqui de inclusão, arte e música e com o embasamento da literatura da área de educação especial analisar-se-á os pontos relevantes.

Assim, na escolha de o que e como trabalhar a arte e a música surgiram como uma proposta útil, um tema transversal que abrangeria todos os alunos da turma e enriqueceria a educação de todos.

Quando fala-se em deficiência intelectual, remetemo-nos a um público que requer mais do que adaptações físicas na sala de aula, ele exige uma nova postura por parte dos profissionais que atuam com ele. A adaptação curricular torna-se fundamental nesse processo, porém as variáveis que surgem dentro da sala de aula tornam-se desafios a serem superados diariamente.

Assim, atuando em um terceiro ano e com uma aluna com deficiência intelectual, que encontra-se na fase silábica alfabética e com diferença de idade dos demais estudantes a música e as atividades artísticas eram interesses comuns.

BRASIL (2006, p.18) descreve:

De fato a pessoa com deficiência mental encontra inúmeras barreiras nas interações que realiza com o meio para assimilar, desde os componentes físicos do objeto de conhecimento, como por exemplo, o reconhecimento e a identificação da cor, forma, textura, tamanho e outras características que ele precisa retirar diretamente desse objeto. Isso ocorre, porque são pessoas que apresentam prejuízo no funcionamento, na estruturação e na reelaboração do conhecimento.

Dentre os desafios que instigaram a proposta desenvolvida durante o ano destaca-se essencialmente a dificuldade de propor atividades que envolvessem a turma, fosse significativa para todos (uma vez que a aluna público alvo da educação especial encontrava-se em faixa etária diferenciada do restante da turma) e possibilitasse todos participarem ativamente.

Existia um histórico anterior com a aluna como alguém que era comum não participar das atividades do restante da turma, realizando outras tarefas, principalmente de alfabetização. Romper essa postura em sala de aula exigia pensar sobre como a aprendizagem estava ocorrendo e, além disso, como estava sendo constituída a identidade da aluna, tanto para os colegas, quanto para si mesma. Portanto, BRASIL (2006, p.18), afirma-se:

Exatamente por isso não adianta propor atividades que insistem na repetição pura e simples de noções de cor, forma, etc. para que a partir desse suposto aprendizado o aluno consiga dominar essas noções e as demais propriedades físicas do objeto e ainda possa transpô-lo para um outro contexto. A criança sem deficiência mental consegue espontaneamente retirar informações do objeto e construir conceitos, progressivamente. Já a criança com deficiência mental precisa de outra atenção, ou seja, de exercitar sua atividade cognitiva, de modo que consiga o mesmo ou uma aproximação do mesmo.

O fato das propostas desenvolvidas e as respostas dadas a elas estarem diretamente ligadas com a formação da ideia do conceito de inclusão construído pela turma e da própria aluna sempre foram fundamentais no trabalho. Alguns erros levaram a repensar situações. Exemplifica-se com algumas competições que se buscou desenvolver, tendo em vista a turma ser bastante competitiva e gostar de jogos.

Com base na experiência obtida na prática e a reflexão sobre seus resultados, afirma-se a necessidade de muita cautela na utilização de competições, uma vez que é preciso lidar para além da derrota. Quando é desenvolvida em equipes, aquele aluno que de uma forma ou outra prejudicar a equipe tem aquele olhar de reprovação dos demais. Trabalhar a questão de valores e atitudes como mais importantes que a “resposta certa” foi uma construção ao longo do ano, onde diariamente essas questões precisavam ser revistas.

Várias abordagens foram realizadas, sempre tendo em vista as propostas do subprojeto e o trabalho como educadora especial, enquanto o que acredita-se por uma inclusão real e responsável. A música chegou por acaso em um passeio realizado pelos alunos, onde, no ônibus a turma começou a cantar diversas músicas que haviam aprendido ao longo dos anos de escolarização e aquilo vinha de maneira alegre e empolgada. Observando os sinais, foi possível perceber que se tratava de um tema que unia todos de maneira igual. Os que apresentavam maiores dificuldades e aqueles que eram mais avançados em relação às crianças da sua idade e assim, estavam em conjunto dividindo o mesmo conjunto de conhecimentos.

Tornou-se preciso estudar o tema, pois qualquer material trabalhado deve ser feito com responsabilidade e com o ensino da arte e da música não é diferente. Não se trata de colocar uma música qualquer ou pedir que os alunos façam um desenho livre, é preciso elaborar estratégias para desenvolver habilidades necessárias ao público com que se trabalha.

Andrade e Andrade (2014) consideram tais conteúdos como essenciais da inteligência humana, em seus estudos eles abordam tais temas como “componentes biopsíquico do repertório de capacidades humanas com raízes profundamente biológicas.”

Para compreender como acontece a contribuição da música e da arte na educação e estabelecer relações com a educação inclusiva é preciso abordar o próprio desenvolvimento humano.

Um dos mais intrigantes e excitantes achados é o da música como um comportamento cujos mecanismos de processamento gozam dos mesmos atributos da universalidade, precocidade e especificidade da linguagem. Nos últimos 20 anos, consolidou-se o conhecimento de que as áreas envolvidas na música correspondem às áreas contralaterais da linguagem do hemisfério direito do cérebro. (ANDRADE; ANDRADE, 2014, p.125.)

É comum estudos que abordem a utilização de arte e música na educação infantil. Este artigo busca validar a utilização destes, nos anos iniciais e finais do ensino fundamental como algo realmente importante na formação do sujeito e no trabalho de diversas questões fundamentais do desenvolvimento e na formação de conceitos.

Questões musicais estão diretamente associadas à linguagem, seja ela falada ou escrita, à ritmo, tempo, organização de ideias e de espaços, abordaremos essas questões de acordo com as atividades apresentadas.

Desenvolveu-se assim, um projeto que visasse trazer a arte e a música para dentro da sala de aula de maneira efetiva, propondo-lhes realizar: pinturas, desenhos, releituras, composição musical, criação de poemas, coreografias e esculturas.

Os exemplos neste estudo mencionados são realizados dentro do ensino colaborativo, embora recente no Brasil, é uma das ações do subprojeto Pibid Educação Especial, como mencionado anteriormente, a ideia que embasa essa proposta é entendida como:

Uma parceria entre os professores do ensino regular e especial, desde que os dois professores se responsabilizem e compartilhem o planejamento, a execução e a avaliação de um grupo heterogêneo de estudantes, dos quais alguns possuem necessidades educacionais especiais (COOK E FRIEND, 1993 apud MENDES e VILARONGA p.4, 2006).

Portanto, no âmbito do trabalho artístico e musical desenvolvido colaborativamente é preciso destacar alguns pontos. Primeiramente, a responsabilidade dos dois professores da sala de aula nas atividades, é preciso que os dois estejam de acordo com os objetivos. O diálogo é a ferramenta mais importante nesse momento, pois muitas vezes os professores possuem visões diferentes no que se refere às prioridades que possuem para a turma.

É fundamental também o apoio e auxílio durante a execução das atividades, pois, tratando-se de atividades que fogem o cotidiano dos alunos, é comum que eles fiquem agitados e até mesmo pela própria empolgação, aumentem o tom de voz, levantem mais vezes do lugar, sujem mãos, materiais, chão da aula. Toda proposta desenvolvida dentro da sala de aula exige planejamento, pensar no que pode dar certo e nos possíveis erros para que a atividade não se perca em meio ao caos.

A elaboração e execução de regras é outro fator determinante nesse tipo de tarefa, como foi mencionado anteriormente, é preciso prever o erro, estabelecer as regras antes de começar a atividade. Para exemplificar menciona-se as atividades de dança, uma das favoritas da turma em questão. Na elaboração das coreografias, grande parte da turma queria opinar, como são bastante participativos, combinamos de que todas as decisões finais seriam realizadas nos momentos que estivesse sentada em círculo. Assim, a escolha das músicas, das posições, quando havia opiniões diversas sobre o gestos e passos, sentava-se em círculo e juntos as decisões eram tomadas.

Para compreender o trabalho realizado e os avanços conquistados é preciso traçar brevemente um perfil da turma e os objetivos a que o projeto propunha-se. O terceiro ano em questão é uma turma regular, com aproximadamente vinte e cinco crianças, em geral eles possuem a mesma faixa etária, oito anos. A aluna público alvo da educação especial possui 12 anos. É uma turma bastante comunicativa e agitada. Eles possuem dificuldade em organizar-se na sala de aula, esperar sua vez de falar e refletir sobre seus trabalhos. São bastante

impulsivos, embora muito criativos, na ansiedade de realizar o que é proposto, fazem rapidamente sem ter certeza do que realmente gostariam de ver no resultado.

Desse modo, utilizou-se inicialmente a música como estratégia de prender a atenção e produzir reflexões a respeito de temas cotidianos. Foram feitas propostas de elaboração de esculturas, composição musical, pintura de quadros, produção de poemas e dança.

As músicas, muitas vezes de domínio popular e em outros momentos, músicas novas, eram utilizadas para promover o interesse da aluna que ainda não estava alfabetizada associando fonemas e grafemas que tinha maior dificuldade enquanto a turma, desenvolvia atividades com um grau mais complexo analisando as letras de forma gramatical. O canto e a dança são formas bastante eficientes para trabalhar a organização espacial e temporal.

Com base ‘no que foi mencionado anteriormente no que se refere ao público com deficiência intelectual, reconhece-se que os objetivos de alfabetização e construção de conceitos de cor, forma e textura são importantes, porém as estratégias como elas estavam sendo abordadas não estavam sendo eficientes. Uma vez que os métodos utilizados não chamavam mais a atenção da aluna, devido a diversos fatores, onde destaca-se a faixa etária (trabalhos infantilizados) e a repetição excessiva de certas atividades.

Dentro das propostas pensadas para a turma como um todo, se tenciona que quando o grupo larga mochilas e casacos no chão, tem os objetos de dentro do estojo e espalhados pela carteira, mesmo sem utilizar, este grupo precisa se adaptar em um ambiente claro e limpo visualmente para que atividades de dança, pintura, escultura ou qualquer coisa que exija mais espaço, possam ser realizadas.

Certamente, tais mudanças não ocorreram no primeiro dia de trabalho, porém foi preciso estabelecer regras e mostrar-lhes como as coisas funcionam de forma diferente em um ambiente organizado.

A questão motora também é essencial, exige-se que alunos desenvolvam motoramente atividades minuciosas, capricho e caderno organizado, onde muitas vezes, alunos pequenos não dominam questões simples de lateralidade e lado dominante (direita/esquerda).

Erroneamente atribui-se essas questões ao professor de educação física, porém o aluno está na escola para desenvolver-se integralmente, não de forma “fatiada”. Parece-nos que motricidade, organização temporal e espacial tem um determinado professor que deve desenvolver, enquanto questões musicais outro professor e assim gramaticais, artísticas. Porém, enquanto educadores especiais, em um trabalho com deficiência intelectual, que muitas vezes possui limitações em todas essas áreas, requer um profissional que minimamente transite por diferentes áreas do conhecimento.

As atividades de composição e criação desenvolvem nos alunos a criatividade. Quando fala-se de dentro do contexto inclusivo, a política coloca como público da educação especial alunos com deficiências, transtornos e altas habilidades/superdotação. O estímulo à criatividade é fundamental independente do público, promove a criação, a reflexão sobre o trabalho.

Piske (2013, p.3) menciona que “No contexto escolar, de modo geral, a criatividade não vem sendo desenvolvida como deveria ser. Muitas vezes os discentes se sentem desmotivados por causa de um ensino monótono e repetitivo [...]”

Bahia e Trindade (2013) apontam que o incentivo à criatividade deve ter como base atividades que proporcionem e fomentem a construção de ideias a autonomia e a abertura à diferença. Eles também defendem a utilização de diferentes suportes para expressar e avaliar ideias, pois é através desse incentivo que a escola se enriquece.

Quando uma atividade de escultura ou pintura de tela é proposta, o aluno precisa pensar sobre o que deseja realizar e de acordo com suas ideias desenvolver seu trabalho, isso requer atividades mentais bastante elaboradas.

Uma composição musical trabalha com diversas áreas do conhecimento, gramática, ritmo, formação de frases, fonética, rimas, afetividade, etc. e essas áreas precisam ser trabalhadas com toda a turma, independente das dificuldades apresentadas por cada um em diferentes momentos. É preciso ter um olhar atento para exigir aquilo que realmente irá produzir significado para o aluno no contexto escolar e social.

A definição de arte trabalhada com os alunos da turma foi:

A designação do termo **Arte** vem do latim *Ars*, que significa habilidade. É definida como uma atividade que manifesta a estética visual, desenvolvida por artistas que se baseiam em suas próprias emoções. Geralmente a arte é um reflexo da época e cultura vivida. A Arte existe desde os primeiros indícios do desenvolvimento do homem, inicialmente utilizada para suprir necessidades de sobrevivência, como utensílios de cozinha e inscrições em cavernas. A Arte é desenvolvida com o intuito de mostrar o pensamento do artista e expressar os sentimentos, por meio de correntes de estilo e estéticas diferentes (Fonte: <<http://www.infoescola.com/artes/definicao-de-arte>>).

Sempre utilizamos as emoções como fonte principal para promover trabalhos artísticos. Quando se trabalhou a vida de alguns artistas, abordou-se bastante a vida que levavam, o lugar que nasceram e os sentimentos expressados em suas obras. Dessa forma, toda obra produzida na sala de aula tinha seu objetivo.

Normalmente cada aluno explicava para turma o que eles gostariam de ter expressado através daquele trabalho. A turma opinar, analisar a utilização das cores e ser crítico no

sentido objetivo x resultado, foi uma construção realizada ao longo dos meses. É nesse processo que o real significado da inclusão ocorre. No momento que a turma deixa de julgar os trabalhos pela estética e a considerar que se cada um possui sua história de vida e valores que influenciam seus trabalhos não existe mais comparação ou exigência para que todos estejam em um padrão e sim com o melhor que puderem realizar.

A apresentação das obras para a turma é um trabalho que desenvolve a desinibição a oratória, o respeito aos demais e as regras da turma. Durante todo o desenvolvimento do projeto o vínculo com a turma foi de extrema importância. Quando se realiza trabalhos que envolvem a expressão de emoções, seja na forma escrita ou oral é preciso uma relação de confiança entre os colegas e com os professores. Martins (2014, p.84) descreve:

O bom relacionamento entre o professor e aluno é condição por demais necessária para o êxito do processo educativo. Pois, a aprendizagem é um processo que somente é construído se nele não houver diferenças, bem como nenhum outro problema que possa servir de obstáculo a consolidação da relação professor x aluno. Assim, para que o processo educativo realmente seja produtivo é importante que o professor / educador saiba construir e ao mesmo tempo oportunizar momentos que proporcionem uma boa relação com seus alunos.

Foram muitos os resultados desse projeto, as reflexões feitas à partir de cada dia de trabalho mostram uma turma que gradualmente avançou em diversos aspectos. Pouco a pouco a sala começou a ficar mais organizada para a realização das tarefas, os alunos foram aprendendo a organizar o espaço que tinham e isso se expandiu para os cadernos e demais materiais escolares.

As atividades de dança integraram toda a turma, deixando de lado o conceito da dança ser apenas uma atividade feminina. A aluna público-alvo da educação especial interessou-se mais pelas atividades e empolgou-se bastante. Realizava as mesmas tarefas dos colegas, no atendimento educacional especializado-AEE, trabalhava-se o que havia ficado com deficit do projeto desenvolvido com a turma, como por exemplo, atividades que requeriam maior tempo ou maior grau de exigência de escrita, eram explorados mais detalhadamente no AEE.

Um grande avanço do projeto foi o respeito que os colegas passaram a ter pelos trabalhos dos outros, além da visão crítica que tinham sobre combinação de cores e estilos de pintura. Foram realizadas várias releituras, porém a história de vida e obras do Romero Britto foi a favorita da turma. As cores, formas e estilo de pintura do artista aos poucos foi tomando conta da sala de aula, mesmo após passada essa proposta os alunos continuaram realizando desenhos em casa inspirados no artista. A professora da turma sempre incentivava fazendo com que a cada retorno do final de semana eles trouxessem mais desenhos. Estes,

transformaram-se em presentes para as antigas professoras da turma, iniciativa esta que partiu dos próprios alunos.

Enquanto via os colegas escrevendo o interesse da aluna ampliou-se e para escrever cartas para as professoras como os colegas estavam realizando, ela empenhava-se mais no atendimento educacional especializado.

Na semana da consciência negra abordou-se a cultura afro, realizando pinturas e culminando com uma apresentação artística para escola, onde as músicas e coreografias foram construídas com a turma valorizando as diferenças e o que cada pessoa possui de melhor.

Conclusão

Os exemplos trazidos aqui são ilustrações de diversos momentos construtivos que a turma obteve com a utilização da arte e a música como uma ferramenta inclusiva. Isso só foi possível devido ao engajamento de todos na proposta. Em algumas momentos, a turma passava a tarde na produção de uma tela, na apresentação das esculturas, e mesmo sem o trabalho mais formal de leitura e escrita os alunos continuavam trabalhando com temas que produziam muito significado e auxiliavam na aprendizagem dos conteúdos formais.

A escola precisa tornar-se um espaço atrativo para todos os públicos, precisa ter espaço para o novo e principalmente, para ouvir o que os alunos tem a dizer. Estabelecer debates sérios a respeito de temas atuais e utilizar algo atrativo proporciona um alargamento dos horizontes da turma e promove a inserção deles no mundo sem distinções.

Referências

ANDRADE, Paulo Estevão. ANDRADE, Olga Valéria Campana dos Anjos. Arte e música como essenciais da inteligência humana. In. Altas habilidades/superdotação. Inteligência e criatividade. Uma visão multidisciplinar. 1

BAHIA, S. TRINDADE, J.P. Transformar o velho em novo: a integração da criatividade na educação. Em: PISKE, F. H. R. e BAHIA, S. (Coords.). **Criatividade na escola: o desenvolvimento de potencialidades, altas habilidades/superdotação (AH/SD) e talentos.** Curitiba, Juruá, 2013.

BRASIL. Portaria Normativa nº 096, de 18 de Julho de 2013. Aprova o regulamento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID,p.2, 2013. Disponível em:<<http://www.capes.gov.br/sobre-a-capes/legislacao/2340-portarias>>. Acesso em: 31 de maio de 2014.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Educação Inclusiva: Atendimento Educacional Especializado para Deficiência Mental**. Brasília, MEC/ SEESP, 2006. p. 8,18.

MARTINS, Francisco das Chagas Costa. Relação professor-aluno: O que o educador deve fazer para conquistar. **Revista Brasileira de Educação e Saúde**, v. 3, n. 3, 2014.p.84.

MENDES, E.G., VILARONGA, C.A.R. **Formação do professor para o ensino colaborativo ou co-ensino**. 2006.

PISKE, Fernanda Helen Ribeiro. **Criatividade no processo de aprendizagem dos superdotados**. Universidade Federal do Paraná. 1. ed. 2014.